

## EDITORIAL DO DOSSIÊ “FILOSOFIA DA PSICANÁLISE: EU, SER, IMAGEM”.

Virginia Helena Ferreira da Costa  
Doutora em Filosofia (USP)  
Pós-doutora em Filosofia (UFES)

É com imensa satisfação que escrevo o Editorial do Dossiê “Filosofia da Psicanálise: Eu, Ser, Imagem” que consta no Volume 9, Número 2 da Revista Sofia – primeiro resultado da nova comissão de Editores e Editora.

A seleção de artigos provém do VIII Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise, de mesmo título, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) entre os dias 12 e 14 de novembro de 2019. Se o escopo do Congresso será apresentado pelos organizadores Eduardo Ribeiro da Fonseca e Cláudia Murta, aqui me proponho a expor os conteúdos dos artigos que o compõem.

Contendo nove textos de nomes de peso nos estudos sobre Filosofia da Psicanálise, as diferentes temáticas apenas aparentemente desconexas encontram relações não somente com os conceitos de “Eu, Ser e Mente” – tal como será apresentado pelos organizadores. Sua vinculação também é guiada por temas clássicos da psicanálise freudiana (nos quais incluo textos de Érico Bruno Viana Campos, Cláudia Pereira do Carmo Murta e Jacir Silvio Sanson Júnior); por abordagens sobre a influência da herança arcaica na constituição subjetiva (como os artigos de Fernanda Silveira Corrêa e Vinícius Armiliato); por articulações entre psicanálise e conceitos próprios da Filosofia Antiga (são os de autoria de Sérgio Augusto Franco Fernandes e Ana Carolina Soliva Soria); e por desenvolvimentos da atualidade da psicanálise em questões prementes da contemporaneidade (como as produções de Carlos Eduardo Ortolani Prado de Moura, Josiane Bocchi e Weiny César Freitas Pinto).

Relativamente aos temas clássicos da psicanálise freudiana, o texto de Érico Bruno Viana Campos (“Constituição do Eu e Identificação Narcísica: o debate entre Freud, Ferenczi e Abraham acerca da Melancolia”) apresenta uma interface conceitual acerca dos conceitos de Eu, identificação narcísica e melancolia decorrente de debates entre Freud, Ferenczi e Abraham ocorridos entre 1915 e 1917. O propósito geral é o de delinear historicamente os posicionamentos e argumentações envolvidos nas diferentes concepções de constituição do Eu via relações objetais. O artigo se torna singular ao demonstrar, entre outras coisas, como, por meio do conceito de identificação narcísica, Freud teria inovado a sua concepção da dinâmica psíquica (anteriormente centrada em noções intrapsíquicas e representacionais do objeto) mediante a perspectiva das relações objetais intersubjetivas, o que teria permitido a ampliação de sua compreensão e gênese do Eu enquanto sedimento de sucessivas identificações. É de se notar também como o autor dá destaque às diferentes compreensões sobre luto e melancolia (esta última tomada enquanto fonte do paradigma objetal), sem deixar de demonstrar a

relação íntima existente entre identificação, narcisismo e objeto materno. São evidenciadas as tensões e problematizações em ao menos três níveis: no interior da própria teoria freudiana, no debate entre os autores abordados e também em campos teóricos psicanalíticos póstumos, essencialmente ingleses e norte-americanos.

Já o texto de autoria de Cláudia Murta e Jacir Silvio Sanson Júnior, “O Campo Epistemológico da Pulsão de Morte: Um debate entre Psicanálise, Ciência e Filosofia da Mente”, retoma o conceito de pulsão de morte relacionando-o a desenvolvimentos de Empédocles e dos paradigmas de cientificidade do Século XIX. Ao discorrerem sobre como os destinos pulsionais orientam as variações do objeto e objetivo das pulsões, são-nos mostradas as amplitudes que a noção de pulsão de morte alcança na teoria freudiana, mesmo que implicitamente: entre outros, é desenvolvido como o recalque primordial seria condição de desenvolvimento do pensamento e da eticidade. Nesse âmbito, a pulsão de morte envolvida em tal recalque é identificada enquanto um excedente pulsional (entre a satisfação obtida e aquela exigida) que vigora como fator impulsionador para a criação do novo, em conjunção com a pulsão de vida. Os autores mostram que, apesar da concepção de pulsão de morte aparecer em toda a extensão da obra de Freud (implicitamente nos primeiros textos e de forma conceitualmente delineada nos escritos tardios), a sua compreensão não pode ser unívoca, pois estaria mais próxima ao formato científico, de início, ganhando ares especulativos ao fim da vida do psicanalista. O que permite aos autores rever a relação de Freud com a ciência, reforçando o papel que o conceito de pulsão de morte assume na inauguração de um campo epistemológico inovador.

Quanto ao debate filogenético e seus impactos da formação psíquica, o texto de Fernanda Silveira Corrêa intitulado “Pulsão de morte à luz da teoria da vivência de dor e da psicologia dos filhos da horda primitiva” se mostra interessante de múltiplas formas. A autora traça um caminho argumentativo desde o “Projeto para uma psicologia”, de 1895, até “Além do princípio do prazer”, de 1920 (passando ainda por “Interpretação dos sonhos”, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, “Visão de conjunto das neuroses de transferência”, “Totem e tabu”, “Psicologia das massas e análise do eu”), propondo uma leitura dicotômica transversal: a de que haveria um funcionamento psíquico vinculado à memória da vivência da dor baseada na reação biológica de fuga do desprazer. Neste viés, ela examina a psicologia dos filhos da horda primitiva, a psicologia das massas e a pulsão de morte. Por outro lado, haveria ainda o funcionamento psíquico baseado na memória da vivência de satisfação vinculada não propriamente a uma ação, mas a uma representação – o que promove a confusão entre experiência de satisfação e alucinação –, afastando-se do biológico. Neste sentido, ela aborda os movimentos de ligação do Eu, bem como a pulsão sexual infantil perversa e polimorfa, a psicologia do pai primitivo e a pulsão de vida. A partir desses dois pontos de vista, a autora analisa padrões de relações entre realidade interna e realidade externa e suas modificações ao longo dos textos freudianos. Ao final de seu artigo, a autora demonstra como o resgate de temas da herança arcaica podem ser analisados a partir de uma perspectiva atual de ascensão de populismos: para além da tendência da pulsão de vida de formar unidades cada vez maiores, nota-se como a formação de laço social em uma bolha narcísica massificada tem como uma de suas fundamentações metapsicológicas a disposição passivo-masoquista de submissão à autoridade, culpo e ódio – temas relacionados à pulsão de morte.

Nessa mesma via segue o necessário texto de Vinícius Armiliato, “O passado bate à porta: as marcas do evolucionismo em ‘Visão de conjunto das neuroses de transferência’.” Dando enfoque a tal manuscrito de 1915, o autor vincula a análise freudiana de neuroses lidas a partir da evolução filogenética da espécie humana à perspectiva das psicopatologias enquanto repetições de heranças biológico-históricas. Sua escrita clara demonstra-nos como tendências psíquicas mais básicas descritas por Freud (como a repressão, contrainvestimento, formação de substitutos e sintomas, relação com a sexualidade, regressão e disposição às neuroses) foram tomadas da biologia evolutiva da época. Mais do que uma simples reprodução do arcaico, a sobreposição da filogênese e ontogênese figurada por Freud traz conflitos, coexistências e interrupções que pedem por reorganizações frequentes do funcionamento psíquico. Por fim, o autor conclui como, embora haja a possibilidade de modificações históricas em tais heranças adquiridas, o traço patológico remonta a repetições, o que deixa espaço para que a criação do novo se mostre afastada das determinações biológicas, estando relacionada às realizações racionais e culturais do ser humano. Tal progresso, contudo, não pode se furtar de estar vinculado, de algum modo, às heranças arcaicas.

Já ao pensarmos nas vinculações da psicanálise com a Filosofia Antiga, deparamo-nos com o texto de Sérgio Augusto Franco Fernandes de título “O retorno da sofística recalcada: implicações freudo-lacanianas”. Sua interessante proposta envolve discutir a atualidade da repercussão da sofística nas compreensões do “chiste” e “discurso” abordados por Freud e Lacan. Ao ver na psicanálise uma espécie de retorno do *logos* sofístico, o autor ressalta que o falar pelo falar (no qual o sentido é atribuído internamente à fala, não estando vinculado a uma significação exterior) está no centro da prática analítica em que o inconsciente redefine os sentidos de suas expressões. Além disso, Freud retrata o chiste sofístico de forma positiva, vinculado ao prazer de falar e de transformar o sentido da verdade, aparecendo como o maiuêutico que ironiza. Contudo, se a proposta de Freud é encontrar o sentido do inconsciente, Lacan, ao aproximar ficção e palavra, ressalta o valor do não-sentido. Comparado a Górgias, Lacan seria ao mesmo tempo filósofo e sofista, ele “filosofistiza”, fazendo do discurso uma forma de laço social. O modo como o “retorno da sofística recalcada” (enquanto um não-sentido ou um sentido sem referência ao *ser*) foi articulado pelo autor leva ao extremo de repensar os limites do conceito de sentido. Assim, em sua análise, ambos os psicanalistas teriam como centro de seus trabalhos a detenção nos impasses do “não-sentido fundamental a todo uso do sentido”, posicionando-se frontalmente contra a “foraclusão” da sofística operacionalizada a partir do *logos* racionalista inaugurado por Aristóteles.

Em diálogo direto com tais aproximações entre antiguidade grega e a psicanálise freudiana, encontramos também o texto “Saber e não-saber: considerações preliminares sobre a verdade do imaginário em Sigmund Freud” de Ana Carolina Soliva Soria. Em seu artigo, a autora recupera certa tradição médica grega que fazia de seu processo terapêutico o afastamento da verdade material, provocando o aparecimento da verdade do imaginário. Tratam-se de cartas de Hipócrates intituladas “Sobre o riso e a loucura” cuja análise evidencia uma visão de ser humano que encontra a desrazão em sua constituição. Logo, o processo terapêutico da medicina antiga deveria passar pela experiência da desrazão para o conhecimento do ser humano: se o ser humano sofre de forma única, é pela experiência da desrazão que ele se conhece enquanto único e, rindo de si mesmo, cura-se. O paralelo traçado com

a psicanálise freudiana permite uma clarificação histórica e conceitual da prática clínica e da teoria freudiana: diferente do saber psiquiátrico de sua época, Freud se volta não para seu saber médico, mas para as fantasias inconscientes que demonstram a verdade da loucura. Ou seja, o paciente não precisa conhecer ou aprender uma verdade fora de si, mas detém a verdade, realidade e sentido em sua própria psique – que deve ser, então, desvelada por ambos, médico e paciente. Para além da verificação da materialidade dos acontecimentos, Freud se volta para o relato das fantasias imaginárias do enfermo para dali erigir verdades sobre a existência humana.

Por fim, o último grupo sobre atualizações da teoria e clínica psicanalítica na contemporaneidade tem como um de seus textos “A Linguagem e o Simbólico: da noção de totalidade do corpo à produção de um *sentimento de si* (*das Selbstgefühl*) sob os imperativos do corpo psicosssexualizado” de Carlos Eduardo Ortolani Prado de Moura. O autor engloba noções filosóficas, psicanalíticas e sociológicas envolvidas na conceituação da intercorporeidade, tendo como intuito geral debater as determinações sociais sobre a compreensão da corporeidade e do sentimento de si no racismo e sexismo. Além disso, também procura desvelar as possibilidades, igualmente advindas de uma relação com manifestações simbólicas via laços sociais, de autorrepresentação dos colonizados. Em específico, o autor intercruza dois conceitos, a psicogênese da paranoia (Ferenczi) e a neurose de vitimização (Mbembe) para demonstrar como a autopercepção dos colonizados segue a lógica do Senhor e Escravo, decorrência da normatização e naturalização social de desigualdades. A percepção da perseguição e humilhação socialmente vivida tende a produzir uma memória negativa e circular dos colonizados, fomentando uma constituição psíquica que repercute catástrofes, impossibilitando a criação de uma nova compreensão social, emocional, corporal, linguística e psíquica de si. Por outro lado, é também na construção de um laço social que o sujeito pode passar a agir ativamente nesta sociedade que o marca, produzindo fantasias e ficções afirmadoras de si no universo cultural (relacionadas à raça, gênero e identidade, como danças, músicas, rituais religiosos, etc.). Abolindo os investimentos narcísicos e objetivos agressivos, tal “devir-negro no mundo” (Mbembe), pode levar à encarnação do *infamiliar* (Freud) por meio de reações emocionais originárias (animismo, magia, feitiçaria, onipotência de pensamentos, modos de relacionar-se com a morte – formas mais libérrimas da coação do pensamento lógico).

Analisando outro aspecto da contemporaneidade, Josiane Bocchi produz uma reflexão sobre “Anomia e hipocondria nas relações entre corpo, saúde e sofrimento na contemporaneidade”. Da mesma forma que o texto de Carlos Eduardo, Josiane também trata de decorrências de determinações sociais na relação com a imagem corporal, mas o faz relacionando corpo, saúde e doença a partir dos padrões hegemônicos atuais de saúde (cultura da boa forma). Em específico, a associação produzida entre o discurso sobre a boa forma e a anomia (produção de indeterminação, despersonalização e dissociação do senso de identidade) mostra a transposição para o senso comum de saúde (que encarna noções de perfeição e sucesso) de uma perda de referências simbólicas vinculadas à assunção do desamparo na contemporaneidade. Assim, valores norteadores gerais anteriormente encontrados em outras esferas do social (moralidade, religiosidade, sexualidade) se encontram transferidos para a imagem corporal como autorrealização. Nesse âmbito, a nutrição ganha destaque como domínio administrável: o corpo se transforma, nas palavras da autora, em uma psicossociologia neoliberal. A ideia que fundamenta o discurso do empreendedorismo se encontra também na dietética:

parte-se do pressuposto do déficit, da doença (mediante o discurso da prevenção) para, com disciplina, planificação e controle incessantes diante de um engajamento ininterrupto, alcançar-se o padrão de sucesso. Forma de encobrir a dissociação sujeito-corpo, fruto de contradições sociais e normativas mais amplas. A autora vincula ainda tal quadro à angústia da convicção constante de se estar doente, própria da hipocondria. Revela-se, portanto, uma conjunção paradoxal entre a imagem do corpo saudável e a expectativa do corpo mórbido – forma de regulação social do mal-estar.

Como último artigo de nosso Dossiê, e vinculado à urgência de nossas experiências sociais, subjetivas e sanitárias, encontramos o texto de Weiny César Freitas Pinto de título “Psicanálise pandêmica: a energética e a hermenêutica da COVID-19”. No ensaio, o autor aplica um modelo explicativo de Ricoeur para a compreensão, à luz do discurso freudiano, da situação de sofrimento e morte na pandemia do novo Coronavírus. Tal modelo explicativo segue as categorias “energéticas” (conflitos de forças) e “hermenêuticas” (interpretação do sentido) encontradas em “Da interpretação: ensaio sobre Freud”. Ao fim, o autor formula o exagero conceitual da análise epistemológica de uma “psicanálise pandêmica”, mobilizando o aspecto antropológico (situação de sofrimento e morte) e epistemológico (metodologia da “Filosofia da Psicanálise”).

Espero que o trabalho cuidadoso por parte de organizadores(a), autores(as), pareceristas e editores(a) se revele na qualidade e relevância dos textos de nosso Dossiê, proporcionando boas leituras e enriquecimento do ensino e pesquisa sobre os temas aqui envolvidos.